

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



### O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA ACADÊMICA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Alessandra Morgenstern Garbin<sup>1</sup>

Juliana Aparecida Betlinski<sup>2</sup>

Carla dos Reis Rezer<sup>3</sup>

Deizi Domingues da Rocha<sup>4</sup>

As pessoas com deficiência estão conquistando espaços e rompendo barreiras junto à sociedade. A inserção de estudantes com deficiência no Ensino Superior vem crescendo consideravelmente nos últimos 20 anos (RODRIGUES e CHAVES, 2012). Foi através da inserção por matrícula de uma estudante com deficiência visual no curso de Educação Física (Licenciatura) da Unochapecó, que sentimos a necessidade de estudar o processo de formação inicial, pois no decorrer da graduação, somos questionados sobre as estratégias que utilizamos para que todos sejam incluídos nas aulas de Educação Física, no entanto, como se dá o processo de formação docente para uma pessoa com deficiência visual? Quais são as práticas inclusivas? Quais as estratégias utilizadas pelos professores formadores?

A relevância desta pesquisa se dá pelo fato de ter sido esta a primeira acadêmica com deficiência visual (cega total), ingressante no processo de formação inicial em Educação Física nesta universidade, outros acadêmicos já formados com deficiência visual possuem baixa visão. Um convite para refletirmos junto aos docentes que atuam nas Instituições de Ensino Superior (IES) suas práticas pedagógicas, como também, um movimento dentro da graduação para dialogar sobre a diversidade acadêmica e o processo educacional inclusivo. Nessa direção, o objetivo geral deste estudo foi analisar a experiência dos docentes do Curso de Educação Física (licenciatura) da Unochapecó em relação à formação inicial de uma acadêmica com deficiência visual nos períodos de 2016/1 e 2016/2.

Essa pesquisa se caracterizou como uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Foi realizada com cinco docentes do curso de Educação Física da Unochapecó, que

<sup>1</sup>Universidade Comunitária da Região de Chapecó -UNOCHAPECÓ /SC, alessandra1507@unochapeco.edu.br;

<sup>2</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ/SC, juli\_betlinski@unochapeco.edu.br;

<sup>3</sup>Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ/SC, rezer@unochapeco.edu.br

<sup>4</sup>Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ/SC; deizirocha@unochapeco.edu.br

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



ministraram componente curricular junto à acadêmica com deficiência visual no período de 2016/1 e 2016/2. Os docentes identificados como “A”; “B”; “C”; “D” e “E” participaram de voluntária tendo os seguintes critérios de inclusão: docentes da área da saúde; formados em Educação Física e que tivessem atuado com a acadêmica nos respectivos períodos.

Para coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada, de forma individual. As mesmas foram gravadas, transcritas e devolvidas aos colaboradores para a validação. Os dados foram analisados a partir das premissas de Bardin (1979 apud SILVA et. al. 2013), a qual infere que a análise de conteúdo abarca as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com o intuito de realizar deduções lógicas e justificadas a respeito da origem das mensagens. No decorrer da análise dos dados foi possível sistematizar o estudo em quatro momentos como foco de aprofundamento. Neste resumo, abordaremos sobre a experiência dos docentes: dificuldades e possibilidades.

O processo de inclusão das pessoas com deficiência no Ensino Superior, para Rodrigues e Chaves (2012) é um movimento que está acontecendo. As autoras discutem sobre a efetividade do processo de inclusão no Ensino Superior como algo que é muito dialogado, mas na prática pode-se dizer que tem um alto nível de ineficácia. Pieczkowski, Naujorks (2014, p. 22) indicam que o processo de matrícula nas universidades não garante a inclusão educacional “para tal, se faz necessário uma política institucional de acompanhamento que permita a identificação das necessidades educacionais dos acadêmicos com deficiência”. Assim, “a inclusão nas Instituições de Ensino Superior (IES) nos remete a pensar em propostas institucionais de inclusão (...) além das questões arquitetônicas que devem ser abordadas há ainda as questões didático-pedagógicas, de comunicação e atitudinais” (LOSS, 2015, p. 71).

Nessa perspectiva, questionamos os docentes sobre o acontecimento das aulas, o preparo e qualificação deles, os mecanismos auxiliares, os recursos e estratégias utilizados na ação docente. Os mesmos relatam que necessitaram fazer adaptações em relação ao conteúdo proposto e a metodologia utilizada. De acordo com o sujeito “A” *“nas aulas teóricas tive preocupação, mas eu busquei conversar com outros professores que tinham mais experiência com a deficiência visual, porque como eu trabalho muito com slides nas informações do conteúdo, tive que adaptar uma forma diferente”*.

Para o docente “B” a *“dificuldade em desenvolver metodologias que atendam a especificidade da acadêmica, como também de “desenvolver as atividades com igualdade*

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM  
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO  
UFPA

PARCERIA

Curso de  
Pedagogia



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ



# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



com os demais estudantes tanto nas teóricas como nas práticas (Docente “C”). Para Valentini e Bisol (2012 p.22) “Cabe ao professor a criação de estratégias didático pedagógicas que facilitem o processo de ensino e aprendizagem, e cabe também ao professor dispor-se a conhecer seu aluno [...], para facilitar a vinculação deste a disciplina e aos colegas”.

Outra questão levantada pelos docentes foi sobre a timidez apresentada pela acadêmica, bem como, suas atitudes nas aulas. Segundo o Docente “E”, “a acadêmica ficou pouco mais na retaguarda em relação à participação nas aulas, faltava bastante”. O Docente “D” também reiterou esta questão que “ela participou de forma bastante tímida”, e a “dificuldade de organizar e perceber a disposição da aluna para trabalhar em grupo e superar a sua condição” (Docente “B”).

Concomitantemente a essas colocações, os docentes buscam justificar as atitudes da acadêmica, pontuando que ela se encontrava no primeiro período da graduação, espaço/tempo em que tudo é novo e muitos acadêmicos não se conhecem e acabam se retraindo. O Docente “E” relata sobre a predisposição da acadêmica, que ela “fica mais resguardada”, mas também é “importante dizer que pode ser pelo fato de ser os primeiros semestres na Universidade”. Neste sentido “[...] o processo formativo está diretamente relacionado com a complexidade refletida no emaranhado cultural [...]” (CONCEIÇÃO e FRASSON, 2016, p. 24) tanto para os docentes como para a comunidade no Ensino Superior.

Podemos perceber que algumas dificuldades estão relacionadas à falta de vivência e experiência da acadêmica junto aos elementos da cultura corporal de movimento, conforme salienta o Docente “C” “nas atividades práticas as dificuldades estavam relacionados às percepções de conhecimentos já adquiridos/vivenciados pela estudante”. Na fala do Docente “D” “me parece, que teve poucas vivências na Educação Física ou vem do ensino médio, da educação básica com poucas experiências da cultura de movimento”. Sendo que as experiências “corporais” vivenciadas no curso de Educação Física da Unochapecó são na sua maioria na prática.

Questionamos os docentes sobre as possibilidades/facilitadores encontrados para a formação inicial da acadêmica. Para o Docente “A” foi conversar com outros professores que tinham mais experiências com a deficiência visual, como também “questionou a acadêmica pelo fato de sentar ao fundo da sala, assim teria mais dificuldade de ouvir pelo fato dos colegas dela conversarem e por ser esse método que ela precisaria para aprender, porém a

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM  
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO  
UFFS

PARCERIA

Curso de  
Pedagogia



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ



UNOCHAPECÓ  
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



AMOSC  
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



acadêmica disse à professora que estava confortável naquele lugar.” Podemos compreender que o processo de ensino aprendizagem vai se formando também a partir da prática docente “chegou um dado momento do conteúdo em que ela me pediu para sentar mais próximo (Docente “A”). A atitude por parte da acadêmica, sem dúvida, possibilitou maior contato e interação com o docente, favorecendo o diálogo, elemento imprescindível para/na formação de professores.

Outra possibilidade encontrada pelo Docente “C” foi “trabalhar em grupo, uma boa estratégia para compreensão do conteúdo e interação no processo de ensino aprendizagem”. No entanto, os Docentes “D” e “B” não corroboram com a percepção do Docente “C”, pois perceberam atitudes diferentes da acadêmica em relação à organização em grupos, não conseguindo analisar de fato a “participação da aluna neste trabalho” como também registram a inquietação de: “se os colegas faziam por ela” e “a falta de predisposição dela em procurar”. Segundo os autores Orlanda e Santos (2004, p.15) “as metodologias e as práticas em sala de aula, necessitam de ser correspondente a todos, independentemente das suas dificuldades e respeitando as diferenças, para promover um ensino que atenda aos sujeitos de forma resultante”.

Vitaliano (2007, p.403) nos convida a refletir que “[...] devido a nossa inexperiência em ensinar alunos com NEE, precisamos desenvolver procedimentos educacionais que tenham como base um diálogo constante”, a preocupação de identificar como o estudante está se desenvolvendo, bem como a disponibilidade para modificar ou rearranjar situações de aprendizagem. O Docente “D” nos relata que encontrou como estratégia descrever tudo o que faria e fez durante as aulas “quando eu me deslocava ou eu orientava alguma coisa e grupos, eu ia narrando o que eu estava fazendo, quando eu escrevia no quadro, eu dizia pra ela „agora eu estou fazendo isso, estou fazendo um quadro, escrevendo umas palavras embaixo das outras, etc”. O Docente “E”, pontua que sempre houve uma troca de informações entre elee a acadêmica, destacou que o “auxílio de uma professora que trabalhou diretamente com ela foi essencial para o desenvolvimento das aulas para com a acadêmica”. Outra possibilidade foram os “feedback que ela própria me dava, pois ela também não vinha só falar do que ela conseguia, ela vinha falar do que ela não estava conseguindo [...]”.

Para o Docente “B” o curso está em constante movimento planejando e esquematizando melhor suas estratégias para propiciar cada vez mais a inclusão de alunos com

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM  
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO  
UFFS

PARCERIA

Curso de  
Pedagogia



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



AMOSC  
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



deficiência no Ensino Superior, pois “já faz 2 anos que estamos sistematizando essa questão dos procedimentos metodológicos e os cuidados para receber cada vez mais estudantes com alguma necessidade especial”. O apoio e organização da instituição de ensino é fundamental para o processo de formação inicial, para os docentes e para todos os envolvidos nesse processo, pois envolve diversas oportunidades, experiências e práticas pedagógicas que englobam, nesse caso específico, relações com a deficiência visual. Para Leite et al (2009, p. 91) “[...] o ensino deve considerar as diferenças individuais e, a partir disso, prover condições diferenciadas para que todo e qualquer estudante aprenda satisfatoriamente”.

Mesmo com tempo significativo de atuação no Ensino Superior os docentes revelaram que esta primeira experiência causa inquietude. Dentre as dificuldades encontradas, pontuam: a falta de acessibilidade na Universidade no sentido de barreiras arquitetônicas (ginásio, acesso às salas de aula, piso podotátil, entre outros), a forma adequada de acesso e uso de equipamentos eletrônicos (notebook), acesso e manuseio aos materiais didático-pedagógicos (impressão braille, descrição de imagem), e talvez o ponto mais importante ao tratarmos da formação em um curso essencialmente prático, se refere aos relatos dos docentes quanto à nítida falta de conhecimento e controle corporal de vivências e experiências corporais da acadêmica. A partir disso os docentes passaram a pensar em possibilidades e estratégias para que o processo de inclusão ocorresse da melhor forma possível. Uma das iniciativas surgiu da da acadêmica para a solicitação junto ao setor de Acessibilidade da Unochapecó, de uma profissional técnica de apoio, para que auxiliasse a acadêmica nas aulas essencialmente práticas, dando maior condição de acesso à aula, dos acontecimentos reais e do movimento emsi.

Percebemos que o processo de inclusão no Ensino Superior é em si um aprendizado para todos os envolvidos: docentes, a pessoa com deficiência, demais acadêmicos, a coordenação de curso, pesquisadores e a Universidade como um todo. Acreditamos que essa pesquisa se torna relevante a partir do momento que traz a tona o que os docentes percebem e fazem pelo processo inclusivo, evidenciando possibilidades na educação para todos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Experiência docente. Deficiência Visual (cegueira). Educação Física. Ensino Superior. Formação Inicial.

### REFERENCIAS:



# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da; FRASSON, Jéssica Serafim. **Textos e contextos sobre o trabalho do professor de Educação Física no início da Docência.** Porto Alegre: Sulina. Editora: Meridional Ltda. 2016.

LEITE, Lúcia Pereira; SILVA, Aline Maira da; MENNOCCHI, Lauren Mariana; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **A adequação curricular como facilitadora da educação inclusiva.** *Psic. da Ed.*, São Paulo, 32, 1º sem. de 2011, pp. 89-111  
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n32/n32a06.pdf> Acesso em: 25 jun. 2017.

LOSS, Jaqueline Reni. **Percursos de escolarização de acadêmicos surdos no ensino superior.** 2015. Disponível em:  
<http://apps.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=203672>. Acesso em 30 de Out. de 2016.

ORLANDA, Taís Mendonça Tenório; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **Metodologias Utilizadas pelos Professores do Ensino Regular para Promover a Aprendizagem dos Alunos com Deficiência.** 2004. Disponível em:  
<<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/137/pdf>>. Acesso em: 04 de Jun de 2017.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro; NAUJORKS, Maria Inês (Orgs). **Educação, Inclusão e Acessibilidade:** diferentes contextos. Chapecó: Argos, 2014.

RODRIGUES, Rogéria Pereira; CHAVES, Susana Araújo. **O deficiente visual e o ensino superior no Piauí na perspectiva de alunos cegos.** 2012. Disponível em:  
<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/093b60fd0557804c8ba0cbf1453da22f.pdf>>. Acesso em: 28 de set. de 2016.

SILVA, Andressa Hennig; MOURA, Gilnei Luiz de; CUNHA, Daniele Estivalette; FIGUEIRA, Kristina Kielling; HÖRBE, Tatiane de Andrade Neves; GASPARY, Eliana. **Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos?** Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. Disponível em:  
<[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq\\_2013/2013\\_EnEPQ76.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ76.pdf)>. Acesso em: 26 de jun. de 2016.

THOMAZ, Daiane. RIBEIRO, Sonia Maria. **Experiências de in/exclusão de professores com deficiência quando na formação inicial.** 2015. Disponível em:  
[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19801\\_9162.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19801_9162.pdf) acesso em 22 de Mai. de 2017

VALENTINI, Carla Beatris. BISOL, Claudia Alquati. **Inclusão no Ensino Superior: especificidades da prática docente com estudantes surdos.** 2012. Caxias do Sul. RS. Educus. Disponível em:  
<https://unochapeco.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788570616692/pages/5>. Acesso em: 05 de Jun de 2017.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM  
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO  
UFFS

PARCERIA

Curso de  
Pedagogia



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ



UNOCHAPECÓ  
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ



AMOSC  
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



VITALIANO, Célia Regina. **Análise da necessidade de preparação pedagógica de professores de cursos de licenciatura para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2007, v.13, n.3, p.399-414. Acesso em: 20 de Mar de 2017.

### REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM  
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO  
UFFS

### PARCERIA

**Curso de  
Pedagogia**



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

**Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação**



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

